



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA ALAÍNE TEIXEIRA SANTOS**

**ENTRE REPRESSÃO, VERGONHA E CULPA:  
O ABANDONO ESCOLAR DE UMA MÃE ADOLESCENTE NO POVOADO DE MOITA  
BONITA/SE**

**ITABAIANA  
2025**

MARIA ALAÍNE TEIXEIRA SANTOS

**ENTRE REPRESSÃO, VERGONHA E CULPA:**

o abandono escolar de uma mãe adolescente no povoado de Moita Bonita/SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA  
2025

MARIA ALAÍNE TEIXEIRA SANTOS

**ENTRE REPRESSÃO, VERGONHA E CULPA:**

o abandono escolar de uma mãe adolescente no povoado de Moita Bonita/SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a):

Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: 02 de abril de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fernanda Amorim Accorsi  
(Orientadora)  
Universidade Federal de Sergipe

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Katia Cristina Norões  
(Convidada)  
Universidade Federal de Sergipe

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Isabela Rosália Lima de Araújo  
(Convidada)  
Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA  
2025

Dedico este trabalho, antes de tudo, a Deus e à minha madrinha celestial, Nossa Senhora Aparecida, cuja intercessão me sustentou em cada desafio e iluminou meus passos nesta caminhada. Sem Sua graça, eu não teria chegado até aqui. À minha mãe, Maria Vanda, mulher de fé e coragem, que sempre acreditou em mim, me ensinou o valor da educação e do esforço, e foi meu alicerce nos momentos mais difíceis. Ao meu filho, Ítalo Gabriel, a maior bênção da minha vida e minha maior motivação para seguir em frente. Que este trabalho seja um testemunho de que o amor, a dedicação e a perseverança nos levam além dos nossos próprios limites. Dedico também a todas as mulheres que, enfrentam desafios, rompem barreiras e encontram no conhecimento a força para transformar suas histórias. Que este trabalho inspire e encoraje cada uma a nunca desistir de seus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é fruto de uma jornada repleta de desafios, superações e, sobretudo, gratidão. A Deus, fonte de força e sabedoria, agradeço por guiar cada um dos meus passos e me dar coragem para seguir em frente, mesmo diante das adversidades. Minha profunda devoção à minha mãezinha celestial, Nossa Senhora Aparecida, a quem fui consagrada ao nascer, também se faz presente. Sob Seu manto protetor, encontrei refúgio, fortaleza e amor em todos os momentos, e é por meio de Sua intercessão que alcancei tantas graças ao longo da minha vida. Sou eternamente grata pela Sua presença em minha jornada.

À minha mãe, Maria Vanda, minha heroína, meu maior exemplo de força e dedicação. Que sozinha, criou a mim e ao meu irmão, enfrentando dificuldades inimagináveis sem nunca perder a coragem. A senhora se libertou de um relacionamento abusivo e, mesmo sem um emprego fixo, trabalhou incansavelmente na roça para garantir que nada nos faltasse. Seu amor incondicional e sua resiliência me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos. Foi quem acreditou em mim, investiu na minha educação e fez inúmeros sacrifícios para que eu chegasse até aqui. Mãe, cada conquista minha é, antes de tudo, sua.

Ao meu filho, Ítalo Gabriel, o amor mais puro e verdadeiro que carrego no coração. Fui mãe na adolescência, quando ainda estava me descobrindo, e sua chegada mudou completamente a minha vida. Juntos, enfrentamos desafios, crescemos e nos fortalecemos. Você foi e sempre será minha maior inspiração, minha razão para continuar lutando. Cada palavra sua de carinho, cada sorriso e cada abraço foram combustíveis para que eu persistisse. Meu filho, tudo que faço é pensando no nosso futuro e no exemplo que quero deixar para você.

Ao meu namorado, Bruno, meu profundo agradecimento. Mesmo chegando à minha vida na reta final do curso, se fez presente em todos os momentos. Seu apoio, carinho e incentivo tornaram os desafios mais leves. Sempre que precisei, ele esteve ao meu lado, ajudando-me e sonhando junto comigo, impulsionando-me a seguir em frente. Seu amor e sua parceria foram essenciais para fortalecer minha caminhada.

À minha querida professora orientadora, Fernanda Amorim Accorsi, expresso minha profunda admiração e gratidão. Os momentos de estudo e orientação ao seu lado foram extremamente enriquecedores e prazerosos. Seu conhecimento, paciência e dedicação tornaram esse processo mais leve e motivador, despertando em mim um olhar ainda mais apaixonado pela educação. Sou imensamente grata por cada ensinamento, por cada palavra de

incentivo e por ter tido a oportunidade de aprender com uma profissional tão competente e inspiradora. Obrigada por compartilhar comigo não apenas seu conhecimento, mas também sua paixão pelo ensino de gênero.

Aos meus professores do curso, especialmente a Isabela Rosália, Joelma Vilar, João Paulo, Kátia Norões, Livia Jéssica, Mônica Modesto e Joseilda Sampaio, minha eterna gratidão. Cada um de vocês contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e profissional. Foram anos de muito aprendizado, e levo comigo não apenas o conhecimento adquirido, mas também a inspiração de cada professor que se dedicou a ensinar com amor e excelência.

À minha mentora, Alexandra Barbosa, que foi essencial para minha organização na reta final do curso. Com suas orientações, aprendi a conciliar os estudos, o trabalho e a maternidade de forma mais equilibrada. Sou imensamente grata por todo o conhecimento e apoio.

À minha amiga e ex-diretora, Elizângela, que sempre compreendeu a importância da minha formação e me liberou para aulas e reuniões no período da tarde. Sua empatia e apoio foram essenciais para que eu conseguisse conciliar o trabalho com os estudos.

À minhas amigas e colegas de trabalho, Cleisiane, Valdeane que sempre estiveram dispostas a me ajudar, assumindo meus alunos quando eu precisava me ausentar para atividades acadêmicas. A generosidade e parceria de ambas foi fundamental ao longo dessa caminhada.

À minha amiga pessoal, Tamara, que sempre ouviu meus desabafos e relatos com carinho e paciência. Em momentos de cansaço e incerteza, suas palavras de apoio foram um grande alívio e motivação para seguir em frente.

Às minhas clientes e amigas, que sempre demonstraram compreensão e empatia quando eu precisava remarcar atendimentos para realizar trabalhos do curso ou me preparar para os projetos dos estágios. Além disso, foram grandes ouvintes dos meus desafios e conquistas ao longo dessa jornada. A conexão que criamos vai muito além do profissional, e sou grata por cada uma de vocês.

Às minhas amigas e amigos inseparáveis, Andreza, Jamisson Daniel, Jayne, Luana, Rafaela e Silvana, meu mais profundo agradecimento. Vocês foram meu suporte emocional em momentos de cansaço, minhas companhias de risadas e minha força nos dias difíceis. Cada conversa, cada incentivo e cada demonstração de amizade tornaram essa jornada mais leve e especial.

Às minhas colegas de curso, Aniele, Eklessia, Emily, Joseane, Paloma, Natália, Vitória agradeço pela parceria e apoio durante essa trajetória. Dividimos desafios, aprendizados e muitas histórias, e levo comigo o carinho de cada uma.

Às minhas queridas amigas do Residência Pedagógica, Blenda e Elizabete, que tornavam as tardes de terças-feiras mais leves e prazerosas. Compartilhamos conhecimentos, experiências e, acima de tudo, amizade. Vocês fizeram parte de momentos inesquecíveis dessa jornada acadêmica.

À adolescente que aceitou compartilhar comigo suas histórias e experiências durante minha pesquisa, meu muito obrigada. Você é prova viva da força e da resiliência feminina. Espero que este trabalho possa contribuir, de alguma forma, para ecoar a voz das suas lutas e desafios.

A cada amigo, familiar e colega de curso que esteve ao meu lado nessa jornada, meu carinho e gratidão. Cada palavra de incentivo, cada abraço e cada gesto de apoio foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Este TCC não é apenas um requisito acadêmico; é a concretização de um sonho e o reflexo de uma história de luta, superação e amor pela educação. A cada pessoa que, de alguma forma, fez parte desse processo, meu muito obrigada.

A fé é a certeza daquilo que esperamos  
e a prova das coisas que não vemos.

Hebreus 11:1



## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo geral analisar a narrativa de uma mãe adolescente com vistas a identificar desafios e expectativas em sua trajetória educacional e materna. Para isso, foi realizada uma entrevista estruturada com uma jovem de 18 anos que tem dois filhos e foi chamada, no trabalho, de Mulher. Para orientar a pesquisa, perguntamos: Como as vivências e as memórias de uma mãe adolescente pode contribuir para a reflexão sobre a escolarização das mulheres? A hipótese de que as histórias de vida de uma mãe adolescente demonstram as opressões e as violências que as mulheres sofrem quando há o atravessamento entre maternidade e escolarização foi confirmada. Como resultado, destacamos a importância da educação sexual para prevenir a gravidez precoce e garantir que as adolescentes tenham acesso a informações sobre direitos reprodutivos. Discutimos como a falta de suporte adequado leva ao abandono escolar e perpetua a desigualdade de gênero. A pesquisa reforça a necessidade de mobilização coletiva, envolvendo escolas, famílias e políticas públicas para assegurar melhores condições para essas jovens. O estudo pode contribuir para dar visibilidade às suas experiências e propor estratégias para garantir um futuro mais digno e equitativo.

**Palavras-chave:** gravidez na adolescência, abandono escolar, desigualdade de gênero, educação sexual, políticas públicas.

## **RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

The general objective of this Final Course Work (TCC) is to analyze the narrative of a teenage mother in order to identify challenges and expectations in her educational and maternal trajectory. To this end, a structured interview was conducted with an 18-year-old woman who has two children and was referred to in the work as Mulher. To guide the research, we asked: How can the experiences and memories of a teenage mother contribute to the reflection on women's schooling? The hypothesis that the life stories of a teenage mother demonstrate the oppression and violence that women suffer when there is a transition between motherhood and schooling was confirmed. As a result, we highlight the importance of sex education to prevent early pregnancy and ensure that adolescents have access to information about reproductive rights. We discuss how the lack of adequate support leads to school dropout and perpetuates gender inequality. The research reinforces the need for collective mobilization, involving schools, families and public policies to ensure better conditions for these young women. The study can contribute to giving visibility to their experiences and proposing strategies to guarantee a more dignified and equitable future.

**Keywords:** teenage pregnancy, school dropout, gender inequality, sexual education, public policies.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DEDI – Departamento de Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

PEPECA – Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> aos 11 debatendo gravidez na adolescência.....	17
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS [SINUOSOS] DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
<b>3 TEORIZAÇÕES SOBRE A FALA DE MULHER.....</b>	<b>22</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para realizar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi necessário intelectualidade, compromisso ético e acadêmico, mas também emoção e envolvimento com o processo de pesquisa, que foi iniciado com o trajeto até a casa da entrevistada, onde foi necessário descer uma ladeira, a qual tivemos a impressão que estava indo a um esconderijo, isolado em meio a mata, pois a casa onde ocorreu a entrevista era muito afastada das casas do povoado. A residência, onde foi previamente agendado o encontro, era cercada por árvores, contendo apenas três casas de familiares (avó, mãe e tio) da entrevistada.

O isolamento da moradia da entrevistada, que logo abaixo será apresentada, me remeteu ao isolamento da vida dela, das meninas que são engravidadas na adolescência e, tal como sua casa, ficam escondidas do mundo. Este TCC explora as dificuldades, as trajetórias e os sonhos de uma mãe adolescente em um povoado no município de Moita Bonita/SE, que cuja identidade será mantida em sigilo, porque mesmo que ela esteja isolada, os rumores, as fofocas, o machismo e misoginia a encontram e este trabalho não será conivente com tal realidade. A pesquisa destaca a existência dessa menina, a fim de representar tantas outras que, por conta da gravidez, foram desestimuladas a estudar. Ela é uma, mas que representa tantas outras que têm suas histórias interrompidas pela gravidez.

Tratando-se de uma história de vida, o estudo é desenvolvido a partir da narrativa da entrevistada, discutindo fatores relacionados à maternidade na vida de adolescentes estudantes que interromperam o processo de escolarização. Ainda que a experiência individual nem sempre represente o coletivo, a pesquisa parte das narrativas dela porque visualiza “[a] subordinação das mulheres passaria assim mediante sua identificação total entre corpo (capacidade de procriar) e função social (maternar) (Zanello, 2018, p. 143).

Esta monografia foi confeccionada junto ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), inspirada por trabalhos anteriores, como Silva (2023): “Estamos aqui para contar essa história”: Os atravessamentos entre a maternidade e a docência durante o isolamento social da covid-19 e Santos (2024) “Eu vim para a universidade, ela fica com ele”: Histórias orais das alunas-mães do curso de pedagogia. As narrativas são analisadas à luz de fatores contextuais, como desigualdades de gênero, culturais e sociais, incluindo racismo, machismo e sexismo, que estão profundamente enraizados em nossa sociedade e nos impactam significativamente.

Os casos de gravidez não planejados na adolescência vêm diminuindo, de acordo com levantamento realizado pelo Fundo de População das Nações Unidas, em parceria com os

ministérios da Saúde, Educação e Desenvolvimento Social, das nações que integram o Cone Sul. No entanto, os dados ainda preocupam, já que apenas no ano de 2023 foram registrados 21 mil casos de meninas grávidas no Brasil com menos de 15 anos de idade. A informação sobre a diminuição dos casos de gravidez não planejada na adolescência é um sinal de que a educação sexual pode não estar chegando às meninas e aos meninos, mas não podemos ignorar o fato de que ainda existam 21 mil meninas grávidas no Brasil com menos de 15 anos (UFNPA, 2024). Essa realidade expõe a vulnerabilidade de muitas adolescentes, que enfrentam desafios importantes em suas vidas.

É fundamental que a sociedade intensifique as ações para assegurar que todas as jovens possam ter acesso a uma educação sexual de qualidade, bem como a serviços de saúde e suporte emocional. Promover a conscientização sobre os direitos reprodutivos e proporcionar opções alternativas à gravidez precoce são etapas cruciais para que essas jovens possam ter um futuro mais digno e saudável. A mobilização conjunta de escolas, famílias e instituições é essencial para criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento pleno das jovens, essa união tem o propósito de garantir que as jovens se desenvolvam de forma integral, não apenas no aspecto intelectual, mas também social, emocional e físico, contribuindo para a construção de uma sociedade cidadã, em que conforme a Constituição Federal todas as pessoas têm direito à dignidade (Brasil, 1988).

A adolescência é um período marcado por intensas transformações físicas e emocionais. Quando a gravidez acontece nesse momento, os desafios se tornam ainda maiores, afetando não apenas a jovem mãe, mas também sua família e a sociedade ao seu redor. Nos casos de mãe solo, as adolescentes enfrentam obstáculos sozinhas, sem o apoio necessário para lidar com essa nova realidade. Segundo Fonseca e Araújo (2019, p.17)

[a] gravidez na adolescência, entre muitas das dificuldades enfrentadas pelos jovens e por suas famílias, provoca também o recebimento, por parte da sociedade e das autoridades de saúde e de educação, quanto às consequências deste particular para tal problema é, em geral, relacionado aos comprometimentos na vida das jovens mães e de seus bebês, principalmente no que se refere ao abandono escolar e à consequente dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Nos lugares de classes sociais menos favorecidas, como o caso da personagem principal deste trabalho, encontramos meninas pobres que foram privadas de condições dignas de vida e de uma educação de qualidade, especialmente no que se refere à educação sexual. Muitas dessas jovens começam a vivenciar a sexualidade de forma precoce, com poucas

informações, tornando-se suscetíveis a serem aliciadas por homens mais velhos que, muitas vezes, as manipulam para benefício próprio, explorando-as sexualmente, seja dentro ou fora de uma relação matrimonial. Como apontam Obando e Madureira (2020, p.52), “[a] ausência ou carência de informações a respeito da sexualidade e da contracepção parece ser muito comum entre os adolescentes e jovens, enquanto igualmente é esperado delas uma maior responsabilidade em suas relações íntimas”.

A maternidade, por sua vez, tem uma infinidade de formas para ser exercida e isto depende da cultura em que mulheres e homens estão inseridos, das condições sociais e financeiras que eles têm ou não, do apoio da família, parentes, amigos/as, ou rede de apoio que pode ser parental ou institucional como creches e escolas públicas. Nesse contexto, podem surgir diversas formas de maternar. Por exemplo, uma mãe solo enfrenta desafios e demandas diferentes de uma mãe que conta com um ambiente [mais] coletivo. **Vale ressaltar que, no povoado onde a entrevistada vive, não existem creches que atendam crianças com menos de 2 anos, o que dificulta ainda mais o retorno aos estudos e ao trabalho dessas jovens mães.** Segundo Fonseca e Araújo (2019, p.17), para compreender os determinantes do comportamento humano, “é necessário conhecer o contexto sócio-cultural, onde o desenvolvimento resulta de um processo inter-relacional no qual os micro sistemas indivíduo, família, comunidade determinam e são certos pelos macros sistemas ideologias, valores e normas culturais”.

Para a maioria das mulheres de classes sociais mais baixas, sem estabilidade financeira, estudar após se tornarem mães é um grande desafio, especialmente quando precisam trabalhar e/ou não têm uma rede de apoio para cuidar de seus(suas) filhos(as). Conforme Fonseca e Araújo (2009, p.252), “a gravidez adolescente passa a ser vista como a grande responsável pelo abandono escolar dos jovens, o que gera, ao longo do desenvolvimento das mulheres, uma condição de subsistência precária, mantendo-as em situações socioeconômicas desfavoráveis”. Muitas mulheres mães afastam-se dos espaços educacionais, o que perpetua sua vulnerabilidade social, pois acabam passando o resto de suas vidas sem estudar, restritas ao lar, aos afazeres domésticos que, na maioria das vezes, as sobrecarregam e adoecem. **Diante disso, perguntamos:** Como as vivências e as memórias de uma mãe adolescente pode contribuir para a reflexão sobre a escolarização das mulheres? Temos como **hipótese** de pesquisa que as histórias de vida de uma mãe adolescente demonstram as opressões e as violências que as mulheres sofrem quando há o atravessamento entre maternidade e escolarização.



Este estudo pode ser relevante para a comunidade acadêmica para ecoar a voz de mulheres mães durante sua adolescência que pararam de trilhar o caminho da educação, e dar visibilidade a essas mulheres, frequentemente invisibilizadas e estigmatizadas no ambiente escolar. A gravidez/maternidade durante o processo de escolarização ainda é cercada por preconceitos que afetam diretamente o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dessas adolescentes. De acordo com Obano e Madureira (2020), os comportamentos que a sociedade considera “errados” ou “indecentes” costumam ser reprimidos, resultando em sentimentos de vergonha e culpa nas mulheres que não atendem às expectativas sociais. Essa repressão, lamentavelmente, favorece o silenciamento dessas mulheres, tornando suas vozes e experiências ainda menos visíveis. Portanto, ao tratar desse tema, espera-se contribuir para a conscientização da comunidade escolar e da sociedade de que as mães adolescentes existem.

Experiências pessoais e observações que tive<sup>1</sup> ao longo da minha trajetória acadêmica e de vida me impulsionaram a escrever esta pesquisa, pois durante minha vida escolar, sempre tive o desejo e a curiosidade sobre o tema gravidez na adolescência. Exemplo disso é que apresentei um trabalho escolar aos 11 anos sobre o referido tema, conforme figura 1:

**Figura 1: aos 11 debatendo gravidez na adolescência**



**Fonte: acervo da autora, 2025.**

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa será usada a primeira pessoa no singular quando a experiência for da autora e a primeira pessoa no plural quando for ancorada em autoras.

Mesmo com toda essa curiosidade sobre o assunto, iniciei um relacionamento aos meus 14 anos e com apenas dois meses já estava convivendo no mesmo lar que meu ex-companheiro, engravidei aos 15 anos, vivenciei uma gravidez de risco e necessitei parar os meus estudos. Depois da gravidez meu ex-companheiro não permitia que eu retomasse os meus estudos alegando que eu já era uma mulher casada então não necessitava estudar.

Quando notei que estava vivenciando um relacionamento abusivo, durante umas das separações, coloquei como condição que só ficaria com ele se eu pudesse retornar aos meus estudos, pois já me encontrava com sinais de depressão, retornei depois de três anos após a gravidez. Estudei a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e no mesmo ano fiz o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), concluindo o meu ensino médio. Busquei estudar em um cursinho particular com ajuda de minha mãe, o intuito era conseguir ser aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Durante todo esse processo de conseguir a aprovação na prova do ENEM, minha mãe quem foi minha rede de apoio para cuidar de meu filho. Eu costumava me perguntar: “Por que uma adolescente que viu o assunto gravidez na adolescência na escola, ainda assim engravidou? Qual educação sexual a escola passa para tantas outras adolescentes? Tive a experiência de vivenciar as lutas para conciliar a maternidade com os estudos, a falta de apoio adequado por parte do meu ex-companheiro, como também a discriminação que muitas vezes enfrentei ainda no espaço escolar e no meu meio de convívio. Essa vivência despertou em mim o desejo de compreender mais profundamente esses desafios e de contribuir para a criação de soluções que possam melhorar nossas condições de existência.

De acordo com notícia publicada no site da Câmara Municipal de Aracaju, “[o] Brasil ocupa o segundo lugar do ranking mundial de gravidez na adolescência”, segundo a afirmação do Dr. Manuel Marcos (COSTA, 2023). A gestação precoce implica em um maior risco de mortalidade materna e infantil, além de aumentar a chance de complicações como parto prematuro, anemia, aborto espontâneo, eclâmpsia e depressão pós-parto. Considerando esses impactos significativos que essa realidade traz para a educação, como também a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento comunitário. Primeiramente, a gravidez/maternidade representa um desafio considerável tanto para as adolescentes quanto para o sistema educacional. Estudantes mães frequentemente enfrentam obstáculos como estigma, discriminação, abandono escolar e falta de apoio adequado, o que pode comprometer seu desempenho acadêmico e suas perspectivas futuras.

Sendo assim, a presente monografia tem como principal **objetivo** analisar a narrativa de uma mãe adolescente com vistas a identificar desafios e expectativas em sua trajetória educacional e materna e para que isso seja possível será necessário alcançar alguns objetivos específicos, são eles: I) Discutir o lugar das mulheres na educação no Brasil; II) Investigar como a maternidade se relaciona com a rotina estudantil das mulheres; III) Entrevistar uma mulher que abandonou os estudos na adolescência e IV) Problematicar os desejos e expectativas da participante da pesquisa.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS [SINUOSOS] DA PESQUISA

Chamamos de caminhos sinuosos porque tal como a ida à casa da entrevistada, analisar uma única entrevista é arriscado para quem evita generalizações. No entanto, as curvas da pesquisa, formadas pelas teorias e pela fala da entrevistada, nos dão elementos para pensar que ela não é a única menina mãe a passar por isso, que precisou abandonar os estudos depois de engravidar. Este estudo é de cunho qualitativo. Toda a entrevista foi gravada em áudio e os conteúdos transcritos para análise, sendo apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os quais constam nos apêndices A e B, com as devidas informações sobre os objetivos e a garantia de anonimato da adolescente envolvida no estudo.

Desse modo, na busca de alcançarmos os objetivos propostos para o presente estudo, foram elencadas três categorias temáticas, estabelecidas em consonância com os objetivos específicos da pesquisa, a saber: 1- Direitos reprodutivos; 2- Maternidade na adolescência; 3- Estratégias utilizadas que garantam o processo de escolarização. Assim, foi buscado nas falas da entrevistada quais são os significados construídos por ela para o evento maternidade na adolescência a partir da prática cultural em que ela está inserida.

A pesquisa foi realizada com uma única mãe adolescente, residente em um povoado de Moita Bonita/SE, atualmente com 18 anos de idade e dois filhos um menino de cinco anos e uma menina de dois meses, que nasceram quando ela tinha 13 e 18 anos respectivamente, com o intuito de analisar suas motivações, a percepção sobre a questão de gênero no contexto de sua vida e os desafios enfrentados. Para isso, foi aplicada uma entrevista com 12 perguntas, sendo elas:

1. Como é seu nome? E a idade? Lembrando que seu nome ficará em sigilo.
2. Quantos filhos/as você tem e quais são os gêneros e idades deles/as?
3. Você os/as teve com qual idade?
4. Como você se sentiu ao descobrir que estava grávida pela primeira vez aos 13 anos?
5. Como sua família reagiu à gravidez?
6. Quais mudanças você teve que fazer na sua rotina após a gravidez?
7. Você recebeu apoio durante a gestação? De quem?
8. Como lidou com a escola e responsabilidades acadêmicas após engravidar?
9. Quais foram os maiores desafios de ser mãe adolescente e estudante?
10. O que você aprendeu sobre si mesma durante essas experiências?
11. Quais conselhos você daria para outras adolescentes nessa situação?

12. Quais são seus sonhos e metas para o futuro, considerando suas experiências?

Visando preservar a privacidade e a segurança da adolescente entrevistada, será feita referência a ela a partir da designação fictícia, com o substantivo **Mulher**, tendo em vista que, antes de ser mãe, ela é uma mulher. A utilização de um nome fictício assegura que a identidade real do adolescente seja mantida em sigilo, evitando exposição indevida e o risco de situações constrangedoras ou prejudiciais para a jovem, especialmente em contextos sensíveis como o do tema que articula maternidade e educação.

“É importante salientar que, ainda que os passos metodológicos numa abordagem qualitativa não estejam prescritivamente propostos, o pesquisador não deve se considerar um sujeito isolado que se norteia apenas pela sua intuição: há que levar em conta o contato com a realidade pesquisada, associado aos pressupostos teóricos que sustentam seu projeto” (Alves, Silva, 1992, p. 62). Deste modo, a análise dos dados será realizada na perspectiva dos Estudos de gênero, sem a pretensão de trazer verdades ou encerrar as discussões. Como escolha metodológica, optamos por não expor, exatamente, a fala de **Mulher**, mas usar de paráfrase para a análise, evitando assim que, mais uma vez, ela tenha sua identidade em sigilo.

### 3 TEORIZAÇÕES SOBRE A FALA DE MULHER

A adolescência é uma fase de transição marcada por transformações físicas, emocionais e sociais. Esse período é repleto de desafios, especialmente no contexto educacional. Quando associado à maternidade precoce, esses desafios se tornam ainda mais complexos. A literatura contemporânea enfatiza que a adolescência é atravessada por fatores biológicos, sociais e culturais que moldam escolhas e oportunidades (Lima, 2020; Silva, Souza, 2021).

A entrevista realizada com a mãe residente no povoado de Moita Bonita/SE, uma jovem de 18 anos que se tornou mãe aos 13 e novamente aos 18, revela os desafios enfrentados por mães adolescentes no Brasil, especialmente no que tange à educação e à falta de apoio social. De acordo com dados do Ministério da Saúde, em 2020, cerca de 380 mil partos foram de mães com até 19 anos, representando 14% de todos os nascimentos no país (BRASIL, 2020). As regiões Norte e Nordeste apresentaram as maiores taxas de nascimentos de mães adolescentes, refletindo desigualdades socioeconômicas que impactam diretamente a trajetória dessas jovens.

A relação entre gravidez precoce e evasão escolar é amplamente documentada. Segundo pesquisa do Ministério da Educação, aproximadamente 18% das jovens que abandonam a escola o fazem em razão da maternidade (GONÇALVES *et al.*, 2021). Esse fenômeno limita a qualificação profissional e a inserção no mercado de trabalho, perpetuando ciclos de pobreza e desigualdade (FONSECA *et al.*, 2022). A história **Mulher** exemplifica essa realidade: após engravidar pela primeira vez, interrompeu os estudos no sétimo ano, retornando apenas para concluir o ensino fundamental. Na segunda gravidez, contudo, já havia deixado de estudar e trabalhava na roça, impossibilitada de retomar os estudos devido às responsabilidades maternas.

Um agravante importante em sua trajetória é o abandono paterno. Os dois pais de seus filhos desapareceram após o nascimento das crianças. Um deles contribui com apenas cinquenta reais por mês, valor que, por si só, está longe de suprir as necessidades básicas de uma criança. O segundo sequer registrou a filha, negando-lhe direitos fundamentais e configurando o que estudiosos chamam de “aborto masculino” — quando o homem abandona completamente as responsabilidades parentais, enquanto a mulher é deixada com toda a carga emocional, social e financeira da criação dos filhos.

A partir da entrevista foi possível identificar aspectos centrais de sua experiência de maternidade precoce e abandono escolar. Os resultados foram organizados em três categorias

temáticas principais, alinhadas aos objetivos da pesquisa: 1- Direitos reprodutivos; 2- Maternidade na adolescência; 3- Estratégias utilizadas que garantam o processo de escolarização.

Sobre a primeira categoria, direitos reprodutivos, **Mulher** revelou a falta de suporte necessário para lidar com a gravidez precoce e os direitos reprodutivos. Durante sua primeira gestação, recebeu apoio da família devido ao fato de estar em um relacionamento heterossexual. Entretanto, na segunda gravidez, esse suporte foi reduzido, resultando em isolamento e dificuldades. A ausência de informações sobre prevenção da gravidez na adolescência se destacou como um fator crítico, evidenciando a necessidade de políticas educacionais mais eficazes na área da saúde sexual e reprodutiva. Vemos, portanto, que a **Mulher** concorda com Zanello (2022, p. 81) quando a autora explica que “[...] elas aprendem a cuidar dos outros e a cuidar pouco de si mesmas”.

Inclusive a expressão “direitos reprodutivos” soa com estranhamento para a **Mulher**. Refletimos: é um direito, portanto, (não) ser mãe? Como discute Castañeda (2006), muitas mulheres incorporam os pressupostos do machismo que determina que elas possuem papéis sociais específicos como o da maternidade. O machismo é tão convincente que atravessa as políticas públicas, a escolarização, os valores e os pensamentos e comportamentos das mulheres sobre si mesmas.

Acerca da segunda categoria, Maternidade na adolescência, entendemos que houve uma resignificação da maternidade ao longo das duas gestações, conforme a fala da **Mulher**. Enquanto a primeira gravidez foi enfrentada com maior tranquilidade devido à estrutura de apoio disponível, a segunda representou um período de dificuldades emocionais e financeiras mais intensas. A maternidade precoce impôs desafios adicionais, levando à interrupção da trajetória educacional. O estigma social associado à gravidez na adolescência reforçou sentimentos de vergonha e culpa, contribuindo para o afastamento escolar (Oliveira & Carvalho, 2022; Pereira, 2021).

A fala da **Mulher** evidencia a forma como a presença ou ausência do pai da criança influencia a percepção social da maternidade. Na primeira gestação, a sociedade ainda a enxergava com alguma tolerância, pois a gravidez era validada pelo relacionamento. Como analisa Adichie (2017), o casamento é visto, nas sociedades ocidentais, como um prêmio, o que não foi diferente na trajetória da **Mulher**. Já na segunda, a falta de um parceiro resultou em julgamentos mais severos. Esse cenário reflete um viés patriarcal, no qual a responsabilidade da maternidade recai inteiramente sobre a mulher, enquanto a figura paterna é isenta de qualquer compromisso.

A maternidade é uma questão identitária para as mulheres. Já a paternidade, para homens, envolve aspectos de outra ordem. O que se interpela neles é a *performance* de ‘ser provedor’, dentro do dispositivo da eficácia. Não ser pai ou ser pai ausente, não os coloca em xeque identitariamente (Zanello, 2022, p. 76).

O abandono escolar das mães adolescentes está intimamente ligado à repressão social e ao estigma que enfrentam. Esse julgamento, reforçado pela própria família e pelo ambiente escolar, leva essas jovens a se sentirem inadequadas e excluídas. A falta de adaptação do sistema educacional às necessidades dessas mães intensifica o problema, favorecendo a evasão escolar. Situações como a impossibilidade de levar o filho à escola e a ausência de suporte institucional dificultam a permanência nos estudos (Santos, 2020; Costa, 2023).

Além disso, os sentimentos de vergonha e culpa desempenham um papel crucial na decisão de abandonar a escola. Muitas dessas jovens acreditam que não são capazes de conciliar maternidade e educação, internalizando a ideia de que falharam tanto como mães quanto como estudantes (Almeida & Lima, 2021; Martins & Pinto, 2022). O contexto social impõe rótulos que desvalorizam sua trajetória e desconsideram os desafios estruturais que enfrentam. É como se a sociedade dificultasse propositalmente o acesso dessas meninas ao trabalho, ao lazer, aos espaços públicos. Era e ainda é. Como afirmam Santos e Accorsi (2024), p. 56) “[a]cesso a outras esferas sociais era uma conquista distante, pois a estrutura familiar patriarcal machista inferiorizava o papel da mulher, reforçando a desigualdade de gênero”.

Outro fator relevante identificado foi a ausência de suporte paterno. A rede de apoio da **Mulher** foi composta majoritariamente por mulheres, como professoras, amigas e familiares do sexo feminino. A falta de participação dos pais das crianças reflete a desigualdade de gênero na distribuição das responsabilidades parentais. Essa sobrecarga feminina perpetua um ciclo de exclusão e vulnerabilidade para as mães adolescentes.

“Não resta dúvida de que haveria mais mulheres nas escolas, nas universidades e na vida profissional, se elas contassem com um companheiro que as apoiasse realmente em casa” (Castañeda, 2006, p. 188). Outro ponto relevante na análise da entrevista é a carga de responsabilidades que recai sobre a mãe adolescente. **Mulher** precisou equilibrar cuidados com os filhos, afazeres domésticos e atividades escolares. Mesmo com dificuldades, conseguiu manter boas notas, evidenciando resiliência. No entanto, o abandono escolar na segunda gravidez demonstra como a falta de políticas públicas voltadas para a permanência de mães adolescentes na escola afeta diretamente suas trajetórias educacionais (Souza *et al.*,



2021). Dados do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) apontam que o Brasil segue com índices elevados de gravidez na adolescência e que a evasão escolar continua sendo uma das principais consequências desse fenômeno (UNFPA, 2023).

Quanto à terceira categoria, estratégias utilizadas que garantam o processo de escolarização, quando questionada sobre seus planos futuros, apesar dos desafios, **Mulher** manifesta o desejo de retomar os estudos, concluir o ensino médio e cursar enfermagem para proporcionar um futuro melhor para seus filhos. Sua fala evidencia a importância de programas de incentivo que permitam a continuidade educacional dessas jovens, oferecendo creches acessíveis e flexibilização da carga horária escolar para mães estudantes (Souza *et al.*, 2022). Políticas públicas que incentivem o retorno dessas jovens às salas de aula são fundamentais para romper o ciclo de desigualdade social e garantir melhores perspectivas de vida para mães adolescentes e seus filhos. Entretanto, vemos também que ela tem planos, tem sonhos, que ela não é só mãe, é mulher.

A história de **Mulher** reflete uma realidade vivida por milhares de jovens no Brasil. Para que essa situação seja revertida, é necessário um olhar atento à existência delas. Atentamo-nos que Mulher não menciona casamento ou relação estável, ela trata de profissão, de mobilidade social, de estar inserida no mundo do trabalho. Assim, ela nos mostra que se auto classifica como pessoa passível de sucesso profissional. Vemos, portanto, que mesmo violada pelo patriarcado, julgada pelo machismo, **Mulher** ainda demonstra auto amor (Adichie, 2017).

Os resultados da pesquisa demonstram que a maternidade na adolescência, somada à falta de suporte social e institucional, impõe barreiras significativas para a continuidade dos estudos e para a construção de um futuro mais estável. A percepção de culpa e vergonha, aliada à necessidade de assumir responsabilidades precocemente, impacta diretamente o percurso acadêmico e profissional dessas jovens.

Diante desse cenário, torna-se essencial o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes voltadas ao apoio das mães adolescentes. Mães não engravidaram, mães foram engravidadas e por isso é indispensável refletir sobre repensar a concepção de maternidade levando em consideração a ótica, os anseios, a existência das mulheres. O fortalecimento de redes de apoio, a implementação de currículos escolares mais inclusivos e o acesso a programas de assistência social são medidas fundamentais para garantir que essas jovens possam continuar seus estudos e conquistar maior autonomia. O abandono escolar das mães adolescentes não deve ser tratado como uma falha individual, mas como um reflexo das desigualdades estruturais que permeiam a sociedade. A construção de um ambiente

educacional acolhedor, sem julgamento das meninas, pode ser uma estratégia essencial para combater a exclusão dessas jovens e possibilitar seu pleno desenvolvimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu refletir sobre os desafios enfrentados por mães adolescentes no contexto escolar, especificamente no povoado de Moita Bonita/SE. A partir da narrativa de **Mulher**, foi possível compreender como a maternidade precoce impacta diretamente na continuidade dos estudos e, conseqüentemente, nas oportunidades de futuro dessas jovens. O abandono escolar, motivado por fatores como repressão social, vergonha e culpa, revela a necessidade de uma mudança estrutural na forma como a sociedade e o sistema educacional acolhem essas adolescentes depois de grávidas.

A hipótese de pesquisa que as histórias de vida de uma mãe adolescente demonstram as opressões e as violências que as mulheres sofrem foi confirmada com base na entrevista analisada e nas teorias estudadas. A trajetória da **Mulher** ilustra não apenas as dificuldades materiais e emocionais impostas pela maternidade precoce, mas também as barreiras sociais e culturais que reforçam o ciclo de desigualdade de gênero. O isolamento físico de sua residência simboliza o isolamento social vivido por muitas jovens que, após serem engravidadas, são afastadas do convívio escolar e comunitário, seja por pressão familiar ou estigma social.

Os dados apresentados ao longo deste trabalho evidenciam a importância da educação sexual nas escolas como uma ferramenta essencial para prevenir a gravidez na adolescência e proporcionar informações fundamentais para que essas jovens possam tomar decisões conscientes sobre seus corpos, relacionamentos afetivos e futuros. Além disso, é necessário um maior suporte por parte das instituições de ensino, oferecendo redes de apoio que permitam a conciliação entre maternidade e educação, garantindo a permanência dessas estudantes na escola.

Outro aspecto relevante a ser considerado é que o nível de escolaridade das mães influencia diretamente no percurso escolar dos filhos, pois dificilmente uma criança terá menos anos de estudo do que sua mãe. Isso mostra como investir na permanência das adolescentes na escola não beneficia apenas a jovem mãe, mas contribui para a formação e o futuro das próximas gerações.

O estudo também reforça que, para transformar essa realidade, é imprescindível uma mobilização coletiva envolvendo famílias, escolas e políticas públicas que assegurem condições dignas para que mães adolescentes possam continuar seus estudos e construir um futuro melhor para si e para seus filhos. A narrativa de **Mulher** ecoa a história de muitas outras mulheres que enfrentam os mesmos desafios, destacando a urgência de um olhar mais atento e sensível para essa questão.

Vimos, portanto, que **Mulher** ainda em sonhos, planos, desejos que a constituem como sujeita da sua vida para além dos aspectos impostos pela maternidade. Evidenciamos que suas angústias se articulam com seus projetos, que a maternidade não é um fim em si mesma para ela. Respondendo à pergunta orientadora da pesquisa de que “as vivências e as memórias de uma mãe adolescente pode contribuir para a reflexão sobre a escolarização das mulheres?”, salientamos que não há um/a único/a responsável pela manutenção da escolarização delas, há uma teia cultural que precisa olhar, projetar e considerar essas meninas [também] como estudantes. A referida consideração não deve ocorrer apenas em Moita Bonita, *lócus* da pesquisa, mas em todo o país. Este trabalho pode contribuir para dar visibilidade às experiências dessas jovens mães, provocando reflexões sobre as opressões e violências que atravessam a maternidade e a escolarização. Espera-se que essa pesquisa inspire discussões outras e medidas efetivas que garantam a educação como um direito acessível a todas as mulheres, independentemente de sua condição materna.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C.N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, T.; LIMA, M. Vergonha e culpa: sentimentos associados ao abandono escolar das mães adolescentes. **Psicologia da Educação**, v. 46, n. 3, p. 104-119, 2021. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ep/a/KtBRcFWvWKBt63LSQCVzdwh/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ALVES, Z.M.M.B; SILVA, M.H. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia** (Ribeirão Preto), p. 61-69, 1992. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yKQmzXgZMrdhBCMkdbYvJYj/?lang=pt>>. Acesso em: 11 de mar. de 2025.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 11 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação**. Disponível em: <http://p.mec.gov.br/componente/t/tag/32737-eja>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **ENCCEJA**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-no/avaliacao-e-exames-ed/encceja>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Gravidez na adolescência é tema da semana do Salto para o Futuro**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/componentes/tags/tag/gravidade>. Acesso em: 07 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Por hora, nascem 44 bebês de mães adolescentes no Brasil, segundo dados do SUS**. Disponível em: < <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/por-hora-nascem-44-bebes-de-maes-adolescentes-no-brasil-segundo-dados-do-sus>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CASTAÑEDA, M. *O machismo invisível*. São Paulo: a Girafa Editora, 2006.

COSTA, A. O estigma social e o abandono escolar das mães adolescentes no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, n. 1, p. 112-126, 2023. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ep/a/KtBRcFWvWKBt63LSQCVzdwh/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

COSTA, M. **O Brasil ocupa o segundo lugar do ranking mundial de gravidez na adolescência, segundo Dr. Manuel Marcos**. Câmara Municipal de Aracaju. 2023. Disponível em: <https://www.aracaju.se.leg.br/instituicoes/noticias/201co-brasil-ocupa-o-segundo-lugar-do-ranking-mundial-de-gravidez-na-adolescente-afirma-dr-homem-m>. Acesso em: 23 fev. 2024.

FONSECA, A.L.B; ARAÚJO, N.G. **Maternidade precoce: uma das consequências do abandono escolar e do desemprego**. 2022. Disponível em: < <https://revistas.usp.br/jhgd/article/view/40001/42866>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FONSECA, A. M. et al. **Os impactos da maternidade sobre os resultados socioeconômicos de curto e longo prazo das mulheres.** 2019. Disponível em: <[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11686/1/PPE\\_v51\\_n01\\_Artigo4\\_os\\_impactos\\_da\\_maternidade.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11686/1/PPE_v51_n01_Artigo4_os_impactos_da_maternidade.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). **Brasil segue com índices elevados de gravidez na adolescência.** Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/199938-unfpa-brasil-segue-com-%C3%ADndices-elevados-de-gravidez-na-adolesc%C3%AAncia?>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GONÇALVES, H. et al. **A linha tênue entre maternidade e evasão escolar.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/Cwr7SyD8YRFnnLhskSZ6qGs/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LIMA, M. **Adolescência e Construção da Identidade: Desafios no Contexto Contemporâneo.** Editora X, 2020. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/jhgd/article/view/40001/42866>>. Acesso em: 10 mar. 2025.  
<<https://www.scielo.br/j/epsic/a/X5DFFZCZsb4pmrLchTsQVpb>>

OBANDO, J.M; MADUREIRA, A.F.A. **A linha tênue entre maternidade e evasão escolar.** *Scimago Institutions Rankings.* 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/Cwr7SyD8YRFnnLhskSZ6qGs/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OLIVEIRA, L.; CARVALHO, T. **Maternidade na adolescência: Impactos psicossociais e sociais.** *Psicologia e Educação*, v. 40, n. 1, p. 22-39, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Kzfr9njMQGL9mGLtJMdccCv/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MARTINS, A. L.; PINTO, J. **A culpa e a vergonha como barreiras ao sucesso escolar das mães adolescentes.** *Journal of Social Psychology*, v. 39, n. 2, p. 200-216, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/whzMRVSVmcVCgfY9CkfMt4n/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Casos de gravidez na adolescência diminuíram, em média, 18% desde 2019.** Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/casos-de-gravidez-na-adolescencia-diminuiram-em-media-18-desde-2019?>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PEREIRA, R. **A vergonha e a culpa na experiência da maternidade precoce: Desafios e resistências.** *Revista de Gênero e Sexualidade*, v. 25, n. 3, p. 58-74, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/BqKFcS478sbjFTnK3CypB6P/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, L.A. **“Eu vim para a universidade, ela fica com ele”: Histórias orais das alunas-mães do curso de pedagogia.** 2024. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/21000>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, L.A; ACCORSI, F.A. **“Não tenho conhecimento, nem procurei saber e ninguém nunca me falou”: narrativas das alunas-mães da pedagogia.** Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/21000>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, M. L. **Repressão e Estigmatização: A marginalização das mães adolescentes no contexto escolar.** *Educação e Sociedade*, v. 41, n. 147, p. 88-104, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rprs/a/RrtB3sFH7NMzsXYyXWpX5Nn/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, A. P.; SOUZA, C. **Aspectos psicossociais da adolescência e suas implicações no abandono escolar.** *Revista de Psicologia Social*, v. 35, n. 2, p. 134-150, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/SwSrnNWxW9mhhStGbW4dcpn/?lang=pt>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, N.S.S. **“Estamos aqui para contar essa história”: os atravessamentos entre maternidade e docência durante o isolamento social da COVID-19.** 2023. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/19859>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA, R.; PEREIRA, V. **Políticas educacionais para mães adolescentes: O que tem sido feito no Brasil?** *Educação em Debate*, v. 42, n. 1, p. 78-91, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/qMgpxSVHNVqWyfrJCfRpchv/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOUZA, D. M.; COSTA, A. **Mães adolescentes e o papel da escola na construção de uma educação inclusiva.** *Educação e Pesquisa*, v. 47, n. 4, p. 1147-1161, 2021. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2021/TRABALHO\\_EV156\\_MD1\\_SA20\\_ID896\\_20102021200030.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2021/TRABALHO_EV156_MD1_SA20_ID896_20102021200030.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOUZA, L. M. *et al.* **Os impactos da gravidez precoce na vida escolar.** 2021. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO\\_EV150\\_MD1\\_SA107\\_ID2316\\_12072021215123.pdf?](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA107_ID2316_12072021215123.pdf?)>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOUZA, M. C. *et al.* **Conciliação entre educação e maternidade: trajetórias escolares de mulheres mães.** Disponível em: <[https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-03052024000200209&script=sci\\_arttext&utm\\_source](https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-03052024000200209&script=sci_arttext&utm_source)>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOUZA, M. N. *et al.* **Gravidez precoce: implicações na vida escolar.** 2020. Disponível em: <<https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25638/1/gravidezprecoceimplicacoesescolar.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ZANELLO, V. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações.** Curitiba: Appris, 2022.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

**Bom dia, você está de acordo com essa entrevista para contribuir com o meu trabalho de conclusão de curso?**

*Bom dia, estou.*

**Como é seu nome?**

*Mulher\**

**Idade?**

*18 anos.*

**Lembrando que seu nome ficará em sigilo, viu? Quantos filhos você tem?**

*Dois.*

**E quais são os gêneros e idades deles?**

*Um menino, cinco anos, uma menina de dois meses.*

**Você teve eles com qual idade?**

*O primeiro foi com 13, e a segunda foi com 18.*

**Como você se sentiu ao descobrir que estava grávida pela primeira vez aos 13 anos?**

*Bom, achei mais tranquilo do que a segunda gravidez. É porque eu tinha mais apoio, era mais diferente. Tipo, a segunda vez eu não estava mais preparada do que a primeira para ser mãe, foi mais...*

**Como sua família reagiu a sua gravidez?**

*A primeira foi mais tensa por que tinha 13 anos e morava com minha mãe, não era casada. A segunda foi a mesma coisa, mas [ininteligível] porque já teve uma estabilidade de morar sozinha com o meu filho e já era de maior. Aí a primeira gestação, eu tinha um namorado e casei. Ele [vivia(?)] uns cinco meses, foi pouco. Aí na segunda, foi uma vez só, engravidei.*

### **Quais mudanças você teve que fazer na sua rotina após a gravidez?**

*A primeira é, eu estudava, eu estava no sétimo ano, aí parei de estudar, aí veio a pandemia, aí continuei estudar online. Aí, acabei o ensino fundamental. Aí já a segunda, já tinha parado de estudar e estava até começando a trabalhar. Depois que eu tive a bebê, eu parei de estudar e estou em casa só. Aí, na segunda gestação, comecei a trabalhar, antes de ter grávida, passei a gestação toda trabalhando, mas agora eu parei, por causa que é mais difícil ter quem fique com minha filha.*

### **Você recebeu apoio durante a gestação?**

*De poucas pessoas.*

### **Da primeira?**

*Da primeira, foi minha mãe, minha tia, minha avó. Tipo, foi mais apoio por causa que eu tinha namorado e ia casar. Já a segunda foi pouquíssimas pessoas. Pronto, as únicas pessoas que me deram apoio foram minha mãe e uma amiga minha, o resto, todo mundo julgava.*

### **Como lidou com a escola e as responsabilidades acadêmicas após engravidar?**

*No primeiro período, tinha 13 anos, estudava no sétimo ano. Aí quando eu cheguei na escola, ave maria, todo mundo ficou surpreso, grávida com 13 anos, mas as menininhas, tem as minhas amigas desse tempo de escolha me deu muito apoio, os professores, os diretores, tanto que umas semanas de eu ter meu filho, fizeram um chá de fralda, me apoiaram e depois da gestação que eu tive ele, me apoiaram para eu voltar a estudar. Eu levava ele para a escola e eu acabei o ensino fundamental. Aí quando eu fui para o ensino médio, ele já tinha dois anos de idade e ele começou a estudar também.*

*Aí a segunda gestação, como eu disse, eu tinha parado de estudar, mas eu continuei a trabalhando na roça. Aí de 5, a gestação de toda que eu descobri com 5 quase até 8 meses eu fiquei trabalhando, aí me mudei para morar perto de minha mãe que era melhor caso eu estivesse de resguardo, porque a única pessoa que me dá apoio é ela. Infelizmente agora, eu não posso trabalhar por causa dela, porque minha mãe também tem uma criança pequena e eu sei que fica muito pesado para ela, tomar conta de duas crianças.*



**Quais foram os maiores desafios de ser mãe adolescente e estudante?**

*Foram muitos, porque tem que dar conta. Tem que dar conta de tudo, de criança, de atividade certinho, de tirar nota boa, de estudar e tipo, eu morava com minha mãe, aí minha mãe trabalhava na roça e cuidava de crianças pequenas. Eu tinha antes de ir para a escola, tinha que cuidar da casa, cuidar do almoço, cuidar delas para depois eu estudar, era bem difícil, mas minhas notas eram boas e no tempo, eu consegui, foi difícil, mas eu consegui, teve muita ajuda dela também que ela minha ajudava muito.*

**O que você aprendeu sobre si mesma durante essas duas experiências?**

*Que eu sou forte, porque apesar de tudo o sofrimento que eu passei, estou passando, toda a dificuldade da vida, eu estou de pé por eles dois. Não por mim, porque por mim eu já tinha desistido á muito tempo, mas por eles dois.*

**Quais os conselhos que você daria para outras adolescentes nessa situação?**

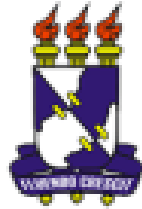
*Meninas, não se iludam com meninos, estudem, se interesse para ter um emprego bom, uma vida boa, estabilizada. Não vá na cabeça de muitas pessoas, nem amizades porque a única amizade que você tem é a sua mãe. A única pessoa que vai estar sempre com você, nos momentos bons e ruins, são sua mãe, amizade não leva a lugar nenhum. Amizades, festas, cachaça, não vai a lugar nenhum. Só isso só.*

**Quais são seus sonhos e metas para o futuro, considerando suas experiências?**

*Minha meta é, voltar a trabalhar, para me estabilizar, para eu ter uma casa, para morar com meus filhos, é dar para eles o que eu sonho e dar para eles uma boa educação. Eu gostaria de voltar a estudar, para acabar o ensino médio que eu parei no 2º ano, fui morar sozinha, fui trabalhar, não tinha como, [ininteligível] ficar com meu filho, eu não tinha a segunda, eu queria voltar a estudar para fazer um curso de enfermagem, para me estabilizar e dar um futuro para os meus filhos, e dar um exemplo pros meus filhos.*

*É, do primeiro filho foi mais sossegado, por que eu tinha 13 anos e assim, ele não tava nem aí mas ele dava tipo, financeiramente, ele registrou e ele até hoje dá atençãozinha a outra mas não é a mesma coisa, de Lorenzo foi mais sossegado mas agora de Dulce foi tudo diferente, eu tive que arcar tudo sozinha.*

## APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO DEPARTAMENTO DE**  
**EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de monografia que está sendo desenvolvida na Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Educação (DEDI), sob a responsabilidade da estudante pesquisadora MARIA ALAÍNE TEIXEIRA SANTOS orientação da Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi. **O objetivo dessa pesquisa: Analisar a história de vida narrada por uma mãe adolescente que interrompeu a finalização do ensino médio, com vistas a identificar desafios e expectativas em sua trajetória educacional e materna.** A sua participação é voluntária e acontecerá por meio de uma entrevista. Nela, serão explorados aspectos relativos à pesquisa que tem como objetivo compreender os impactos da maternidade precoce no abandono escolar e suas consequências na vida das mulheres. Este estudo busca refletir sobre os desafios enfrentados pelas jovens mães e as possíveis estratégias para apoiar sua permanência no sistema educacional.

A entrevista será gravada, após seu consentimento, para posterior transcrição e análise. Não serão usadas imagens e as identidades serão preservadas com a utilização de pseudônimos. Os dados coletados, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido, serão armazenados e somente terão acesso a eles você participante, o pesquisador e sua orientadora. Se tiver dúvida você pode procurar a orientadora responsável por esta pesquisa.

### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Considerando as informações acima descritas, que esclarecem o que a pesquisadora pretende fazer e a minha forma de participação na presente pesquisa, concordo com a participação no estudo sabendo que: a) tenho o direito e a liberdade de desistir da participação, retirando meu consentimento em qualquer fase, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à minha pessoa; e b) não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira por minha participação. Este termo apresenta duas vias, que serão assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

**Em caso de dúvidas sobre o estudo**, poderá entrar em contato com a pesquisadora abaixo: Maria Alaíne Teixeira Santos. E-mail: [alaineteixeira6@gmail.com](mailto:alaineteixeira6@gmail.com).

Moita Bonita- SE \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025.

---

Discente Participante

---

Estudante Pesquisador